



Cinema sobre rodas

De dia ou à noite, não importa, o projeto Cine Pipoca no Rolê leva cultura aonde o povo está

» VICTOR AUGUSTO*

Um projeto audiovisual da Universidade de Brasília (UnB) tem levado cultura, de forma gratuita, para moradores do Distrito Federal. Em uma kombi, o Cine Pipoca no Rolê percorre quadras e escolas das regiões administrativas onde realiza sessões de filmes. Em dois anos de existência, 600 pessoas tiveram acesso à sétima arte. Promovendo uma relevante expressão cultural e, ao mesmo tempo, estimulando o pensamento crítico, as produções audiovisuais exibidas abordam temas de cunho social. Por isso, as temáticas dos filmes, segundo Rose May Carneiro — coordenadora do projeto e professora do curso de cinema/audiovisual da UnB — giram em torno de questões como: “O papel da mulher; a igualdade de gênero e a responsabilidade do cuidado; o consumo desenfreado e a questão ambiental; a educação, a arte, a cultura e o amor como responsáveis pela transformação social; o racismo estrutural e a constante luta antirracista; um olhar afetuoso sobre os nossos biomas, o nosso país, o nosso povo e toda a nossa diversidade e riqueza cultural”.

Além de provocar reflexões sociais, o projeto proporciona a diversas pessoas a primeira oportunidade para elas assistirem a um filme na vida. “Tivemos a possibilidade de nos emocionarmos com pessoas que assistiram a um filme pela primeira vez. (Também com) jovens, de uma escola, no Paranoá, que leram um livro do Darcy Ribeiro com os seus professores e, em seguida, viram um documentário sobre ele na tela itinerante do nosso cinema. E, além disso, ouvi, recentemente, uma caloura do audiovisual que me disse ter escolhido este curso por causa do nosso projeto de extensão. Achei isso, simplesmente, maravilhoso”, lembra Rose.

“A interação é bonita de se ver. As pessoas mais tímidas, muitas vezes, no final da sessão, sentem-se estimuladas a fazer perguntas, darem o seu depoimento, contarem as suas histórias. Certa vez, projetamos o filme *Pelo Malo* com a professora Emília Silberstein, em uma escola da Asa Norte, e os estudantes resolveram dançar ao final da sessão. Foi lindo e emocionante”, acrescenta a educadora.

Recursos

Nos últimos dois anos, o Cine Pipoca no Rolê realizou 11 sessões, com muito sacrifício. No início, Rose teve de custear a iniciativa do seu próprio bolso. Mas, em 2024, a situação começa a mudar. Com ajuda da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

Projeto Cine Pipoca no Rolê, da UnB, organiza sessões gratuitas de filmes levados em uma kombi a escolas, quadras e associações do DF. Entre outros objetivos, a iniciativa visa estimular pensamento crítico. Após dois anos de sacrifícios, a ação passa a contar com recursos de apoio cultural

(FAP-DF), o projeto conseguiu recursos financeiros para expandir sua logística de modo a proporcionar uma melhor experiência à população. “Felizmente, neste ano, tivemos o apoio da FAP-DF por meio do edital de demanda espontânea, que nos possibilitou comprar equipamentos, entre outros insumos, além de podermos contratar cinco estagiários e estagiárias, beneficiados com bolsa de estudos. Cultura, arte e educação, não sei por que, têm certa dificuldade de contar com o apreço do empresariado de Brasília. Mas, acredito, isso há de mudar”, diz a coordenadora, esperançosa em obter algum patrocínio com a iniciativa privada candanga.

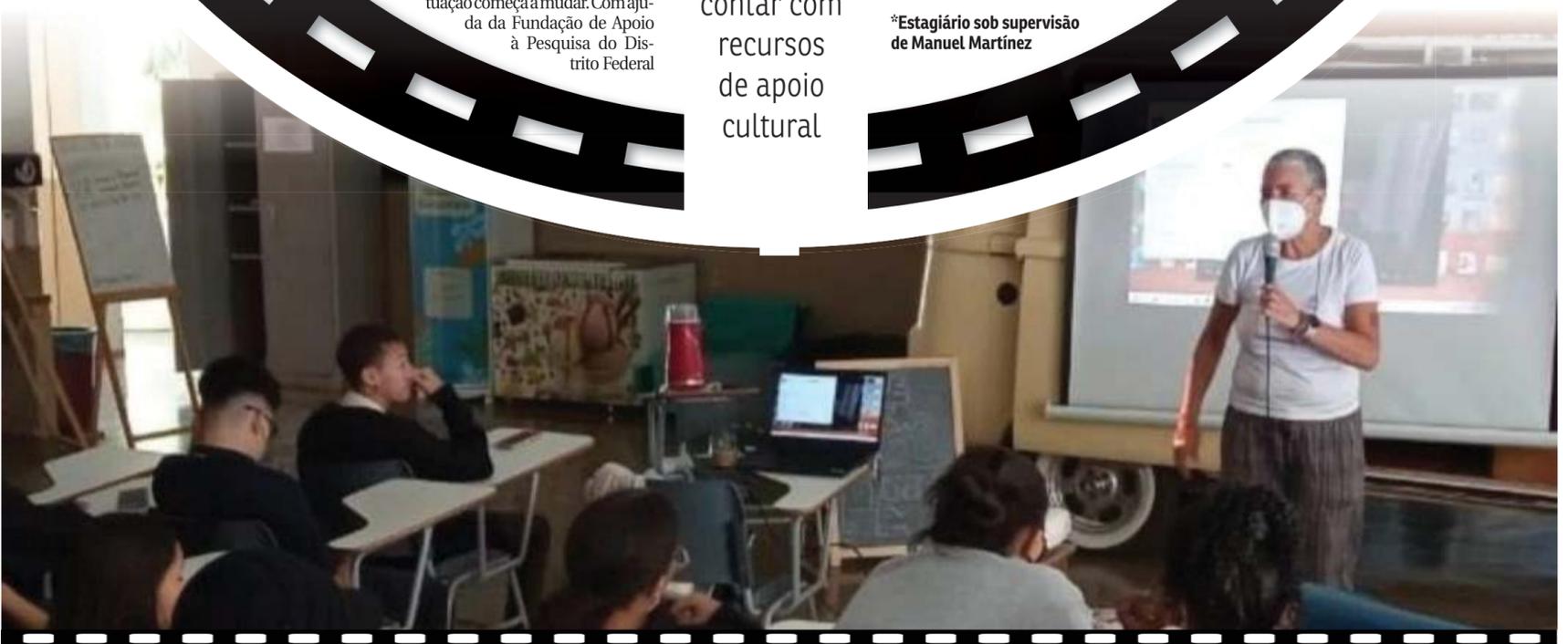
Com uma audiência eclética, inclusive quanto à questão etária, os encontros atraem crianças, jovens e adultos. Com base nessa condição e sem esquecer que as exposições devem promover temas relacionados aos direitos humanos e questões sociais, é feita a escolha dos filmes. Os organizadores do projeto disponibilizam a programação pelo Instagram, no perfil: @cine.pipocanorole. Por ele, quem quiser, pode também sugerir obras a serem exibidas e solicitar sessões em escolas, entidades sociais ou quadras.

Oportunidades

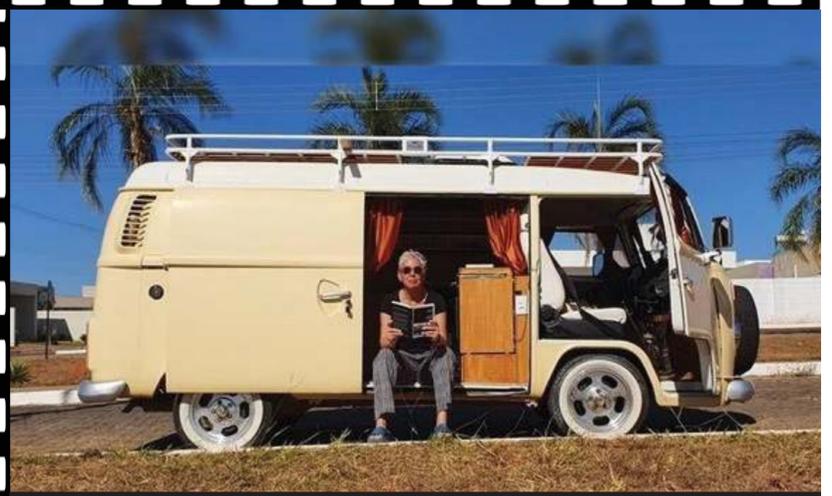
O futuro do Cine Pipoca é promissor, segundo seus organizadores. A professora Rose disse que estão estreitando laços com diretoras de projetos e inovação do Ministério da Cultura, além de contar com o apoio de parlamentares. “Queremos ser uma espécie de escola de extensão itinerante ecofeminista do audiovisual, com projeções de filmes, debates e divulgação de conhecimentos em conteúdos audiovisuais (fotografia, documentário, vídeos clips)”, esclarece.

Para a educadora, o audiovisual não se restringe apenas às telas. Essa área, em sua opinião, tem a função de facilitar o exercício da autorreflexão e do intercâmbio educacional. “A pandemia (2020) nos mostrou o quanto é fundamental o papel da ciência, da cultura, das artes, da educação, das trocas simbólicas, do cuidado com o outro, das aprendizagens, do afeto, do olhar cuidadoso que extrapola qualquer tela. O cinema segue a cartilha do nosso mestre Paulo Freire: dialogar e dar esperança. Por meio de trocas simbólicas, podemos enxergar a nossa pluralidade e os muitos outros e outras que há em nós”, pontua.

*Estagiário sob supervisão de Manuel Martínez



A iniciativa, segundo os organizadores, aborda temas de cunho social, como questões de gênero



Rose: “Tivemos a possibilidade de nos emocionarmos com pessoas que assistiram um filme pela primeira vez